HOMENAGEM PÓSTUMA A PLÁCIDO CASTELO

"Eu não chamo de heróis os que triunfaram, mesmo em pensamento, ou pela força. Chamo heróis somente aos que foram grandes pelo coração."

Sr. Presidente, Srs. Deputados, a terra cearense vem de perder, falecido às 8 horas do dia 17 de junho fluente, o ex-Governador Plácido Aderaldo Castelo. Aos 73 anos, vítima de enfisema pulmonar, no término de uma semana de aguda enfermidade, tombou em final de uma existência plena de atividades, coroadas de ideal e de virtudes.

Filho dos Sertões de Mombaça, onde veio ao mundo a 11 de janeiro de 1906, interiorizou-se, na fidelidade ao torrão natal, de tal modo a não perder e muito mais fazer sentir de sua índole, e em sua luta, as características de alma sertaneja. Viveu constantemente o humanismo telúrico com que soube valer a operosidade voltada para os sertões, batidos da soalheira ardente, e por sobre os quais sonhou sempre a bonança das águas correntes, a ressurreição dos rios secos, transmudados em torrentes do Banabuiú, rio da minha, terra, "rasgando com os afluentes o peito cristalino antigo"...

Como homem público, Secretário de Estado, Deputado, Governador, Plácido Castelo afinou sempre pelo diapasão da necessidade de açudes. Via os sertões cearenses como uma Saga de barragens. E como um poeta, apontava como objetivos os dados da solução hidráulica: "Gargantas e boqueirões / vincos de serros partidos / que o sertanejo barra / para reter o saldo líquido da terra seca / formando açudes!..."

Discurso proferido na Câmara dos Deputados, em Brasília, pelo deputado Paes de Andrade, publicado no D.C.N., de 11/08/1979.

UM LÍDER NA JUVENTUDE

O jovem sertanejo, descendente de desbravadores que povoaram os Sertões de Mombaça, era filho dos agricultores João Fernandes Castelo e Antonina Aderaldo Castelo, que mandaram o seu rebento à Faculdade de Direito, em Fortaleza, onde se bacharelou em 1930. Ainda acadêmico, com o pensamento solto às brisas do liberalismo político, guindado aos sentimentos revolucionários nascentes, reúne-se com alguns colegas e, de parceria com Perboyre e Silva e Paulo Sarasate, funda o jornal *As Farpas*, de onde invectiva contra o tradicionalismo oligárquico, suscita o povo e a juventude para o idealismo político renovador. Tomando assim o barco da revolução de 1930, egresso da Faculdade de Direito, faz-se Promotor de Justiça em Quixadá, seguindo após para Juazeiro do Norte, onde ingressa na Magistratura, como Juiz Municipal, numa caminhada de reflexão, abrangente do período de 1931 a 1934.

O moço arrebatado e rebelde de *As Farpas* medita sobre um pensamento novo, à luz das idéias de Oliveira Viana e notadamente de Alberto Torres, dos quais assimilara os princípios, idéias e ação dos problemas de política objetiva. Foi naquela Juazeiro, quando ainda juiz, sem entrar em choques com o partidarismo dos clãs sertanejos imperantes, cercados de mitos e jagunços amainados pelas bênçãos de Padre Cícero, foi ali que se lhe abriu na alma a adesão entusiástica ao ideário de Alberto Torres, à legendária penetração das semanas ruralistas; e sonhou a instauração nas consciências de uma nova ordem mental, arrimada na bandeira romântica de "rumo ao campo", forjada na pregação de um processo educativo atinente à fixação do homem à sua gleba, armado dos princípios agronômicos como solução para o problema secular das secas.

Ali Plácido Castelo plantou a sua semente de proteção e utilização conseqüente dos recursos naturais, de que foi exemplo a Escola Normal Rural de Juazeiro. Viu-a 1.ª Semana Ruralista, a que se associaram Padre Helder Câmara, Joaquim Alves, Amália Xavier, Maria Gonçalves, além de professores, engenheiros, médicos, estudantes, toda a cidade de Juazeiro em flor.

O jovem juiz Plácido Castelo não permanecera embrenhado em autos de rudes processos judiciários. Erguera bem alto o pensamento livre na vaga da Sociedade dos Amigos de

Alberto Torres. E assim, pensando com Sud Menuci, Carneiro Leão, Rafael Xavier, Teixeira de Freitas, Joaquim Moreira de Souza e outros, fundou a 1.ª Escola Normal Rural do Nordeste, criada para a formação de professores rurais.

A ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO

No dia 9 de novembro de 1933, na Sala das Audiências do Juízo Municipal, reuniu-se, sob a presidência do Juiz Plácido Castelo, o Conselho Escolar, com o objetivo de constituir uma sociedade de finalidades educacionais e encampar a Escola Normal Rural. Em 11 de janeiro de 1934 era publicado o decreto que criou a Escola Normal Rural, entre cujos reais motivos este, como principal:

"considerando que, numa região como o Ceará, cuja economia se baseia nas atividades agrícolas, é de todo ponto necessário ensinar a todos a melhor maneira de cultivar o solo; considerando que, para a criação e desenvolvimento de uma mentalidade agrícola no espírito do povo em geral, é preciso preparar nesse sentido o professorado conveniente" etc...

Repetiremos aqui, uma vez que se faz oportuno, o que dizia o escritor cearense Clímaco Bezerra, ao receber Plácido Castelo na Academia Cearense de Letras: "O credo de Plácido Aderaldo Castelo não era o de um místico contemplativo. Mas, o de um atuante impernitente, de um desbravador, cuja fé se traduzia pelo trabalho e pela ação. Daí a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, que, nos sertões cearenses, serve de nítido e intransferível divisor de épocas no sistema educacional do Estado."

O POLÍTICO DE ALTA VIVÊNCIA

Dali para a frente, a vida do nosso homenageado se firmou em ascendente linha: Deputado estadual em diversas Legislaturas (1934-1937, 1955-1960 e 1964-1966). Neste último ano, viu-se escolhido Governador do Estado do Ceará, mandato que honrou com nobreza de atitudes e franca operosidade, até março de 1971.

O seu Governo, de tolerância e de tranqüilidade, malgrado o clima que se estabelecera do alto, de cujos poderes jamais se utilizou para oprimir, ergueu-se com eficiência de uma clara visão, oriunda de sua formação cultural e cívica, motivo por que o seu barco seguiu incólume entre os rochedos, julgado hoje pelo nosso povo entre os que mais acertadamente dirigiram os destinos políticos da terra cearense.

Tivera, antes de governar o Estado, uma experiência de trabalho intensivo nas Secretarias de Estado que dirigiu na gestão de Menezes Pimentel: Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda (1937-1939); de Agricultura e Obras Públicas (1951-1954 e 1956-1960). Fora Prefeito de Fortaleza (1945), Procurador Judicial do Estado (1945-1946), Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Ceará. Neste mesmo Tribunal ocupou o cargo de Ministro (1962-1964). Alicerçara a sua experiência em quase todos os campos da vida administrativa do Ceará.

Deve-se-lhe a criação do Instituto de Previdência do Estado do Ceará (IPEC), de que foi o primeiro Presidente (1939-1943). Em seu Governo, criou a Secretaria de Cultura, pondo à sua frente o historiador Raimundo Girão, desenvolvendo ação cultural fecunda. E, no campo das iniciativas para o desenvolvimento econômico e social, prosseguiu, como sucessor da administração sob planejamento de Virgílio Távora, a obra de eletrificação do interior cearense, construindo rede de energia nos mais longínquos municípios. Construiu a Estrada do Algodão, através da qual uniu os municípios mais produtivos da Capital ao Sul do Estado; mandou proceder a levantamentos agrogeológicos; fez criar e inaugurar a Escola de Veterinária, que abriu caminho à atual Universidade do Estado do Ceará, como estabelecimento de ensino técnico superior. Finalmente, no campo da vida esportiva, fez projetar e construir o estádio — um dos maiores do Nordeste — o "Castelão", que guarda em sua memória o nome do Governador que empreendeu a sua construção — Plácido Castelo.

O INTELECTUAL E O ESCRITOR

A vida de Plácido Aderaldo Castelo inspirou-se, toda ela, no ideal palpitante do humanismo criador. Iniciou-se na juventude como jornalista, ditando a sua consciência ativa no jornal *As Farpas*. Foi revisor de *O Correio do Ceará* (1927-1928); repórter de *O Nordeste* e da *Gazeta de Notícias*, Redator-Chefe de *O Estado* (1935); considerável é o número de boa qualidade de artigos seus publicados em jornais e revistas, além de proficientes estudos: "A Constituição Republicana e a Federação" (Tese), (1929); "Metodologia do Ensino da História" (1928); "Rápidos Traços sobre a Educação do Sertanejo" (1931); "A Escola Normal Rural" (1932); "Açudagem, Irrigação e Obras Contra as Secas"; "O Instituto do

Algodão e Crédito Agrícola" (1937); "Problemas Agropecuários do Ceará" (1957); "O Deputado Paula Rodrigues" (1963); "História Política do Ceará" (1963); *História do Ensino no Ceará* — Monografia n.º 22 — Coleção do Instituto do Ceará, densa pesquisa em livro de 400 páginas (1970).

Titular da Academia Cearense de Letras, tinha também como campo de trabalhos culturais o Instituto do Ceará (Geográfico, Histórico, Antropológico, fundado em 1887), a mais antiga instituição deste gênero no Nordeste. Plácido era Professor da Escola de Administração do Ceará e Assessor Jurídico da Construtora Beta.

AGRICULTOR E CRIADOR

Nascido em Mombaça, ligava-se à terra como agricultor e criador em sua Fazenda Iemen, onde plantava gêneros de subsistência, algodão, e criava gado leiteiro e de corte. Era um fascinado pelo labor rural. As secas e a problemática do seu povo o afligiam. Mergulhava nos livros que lia, mesmo doente. A morte o alcançou quando lia o romance *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, sua parenta e grande amiga, a qual, como ele, se nutre da mesma crença e do mesmo amor aos sertões.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, há um pensamento de Romain Rolland que paira como uma prece sobre os destinos humanos. Sigamo-lo, todos os que lutam neste mundo atribulado e aflito, unidos ou isolados, dispersos, em todos os quadrantes da Terra — a nossa grande irmã, a Mãe-Terra, que nos sustenta e governa e, para a felicidade de todos nós, produz sementes e ervas, e coloridas flores e frutos.

Pois bem, dizia Rolland: "Suprimamos a barreira do tempo, ressuscitemos, no povo, os heróis." Mas, continua o escritor:

"Eu não chamo de heróis os que triunfaram, mesmo em pensamento, ou pela força. Chamo heróis somente aos que foram grandes pelo coração. Como disse um dos maiores gênios da arte, não conhecemos outro sinal de superioridade além da bondade."

Em Plácido Castelo, em todas as suas qualidades de homem simples, de pensamento e ação, pairava como um manto azul, sobre a aridez da terra, em seu otimismo, perenemente verde, a bondade.

Rendamos assim a nossa homenagem àquele homem público que superou com a energia dos seus sentimentos todas as asperezas da vida e as contingentes grandezas deste mundo.